

A HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA DO ENSINO DE HISTÓRIA NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UFRN: O CASO PPGED E PPGH¹

Carlos Augusto Soares Bezerra²

Clivya da Silveira Nobre³

Resumo

A presente pesquisa foi desenvolvida como trabalho da disciplina Historiografia e Pesquisa do Ensino de História no Curso de História/CCHLA/UFRN no período semestre 2018.1. A temática que a direciona é o Ensino de História nos Programas de Pós-Graduação em Educação e Pós-Graduação em História a partir da seguinte pergunta: de que maneira, as concepções de ensino de história nesses programas se aproximam e se distanciam nessas produções? Para isso buscamos contribuir para a construção do conhecimento nesse campo do Ensino de História entendendo-o como um espaço de disputa e de consolidação que ainda é permeada por conflitos, logo em seguida demonstrando a sua pluralidade de concepções identificadas nessas produções historiográficas a partir de um levantamento dessas bibliografias desde a criação desses programas até as últimas produções sobre nosso objeto de estudo. Para alcançar nosso objetivo utilizamos quadros para mapear os aspectos importantes acerca dessa produção (Título, Ano, Fonte, Recorte, Resumo etc.) e o conceito de lugar social desses profissionais para compreendermos a prática da escrita da história nessas produções.

¹ Esse trabalho é resultado de um levantamento dos trabalhos desenvolvidos nos Programas de Pós-Graduação em História e em Educação (PPGH e PPGED) produzidos na disciplina (HIS0056) Historiografia e Pesquisa do Ensino de História, sob a orientação do Professor Doutor Magno Francisco de Jesus Santos pela UFRN. Email: carlos2aug@gmail.com

² Graduando em História Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista Voluntário (IC) e integrante do Grupo de Pesquisa Espaço, Poder e Práticas Sociais - História e espaços do ensino (EPPS). Email: Clivynha13@gmail.com

³ Graduanda em História Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista Remunerada da Ação de Extensão Clio e Mnemosine nos 60 anos do curso de História da UFRN: inventário do acervo da Divisão de Documentação (NEH) do Departamento de História.

Palavras-Chaves: PPGH, PPGED, Ensino de História.

ABSTRACT

The present research was developed as a work of the discipline Historiography and Research of History Teaching in the Course of History / CCHLA / UFRN in the semester 2018.1 period. The theme that directs it is History Teaching in Post-Graduate Programs in Education and Post-Graduation in History from the following question: in what way, do conceptions of history teaching in these programs approach and depart themselves in these productions? To this end, we seek to contribute to the construction of knowledge in this domain of History Teaching, understanding it as a space of dispute and consolidation that's still permeated by conflicts, then after demonstrating the plurality of conceptions identified in these historiographic productions from a collection of these bibliographies from the creation of these programs to the last productions about our object of study. To achieve our goal, we use tables to map the important aspects of this production (Title, Year, Source, Clipping, Abstract, etc.) and the concept of social place of these professionals to understand the practice of writing history in these productions.

Introdução

O presente texto tem como objetivo discutir as aproximações e diferenciações das produções historiográficas sobre Ensino de História nos Programas de Pós Graduação em Educação (PPGED) e em História (PPGH), percebendo como essas produções sobre ensino de História ainda carrega uma concepção de que este é vinculado à pedagogia: como práticas de ensino, práticas educacionais e currículo, tanto é que os nossos Estágios Supervisionados de Formação de Professores são

ofertados pelo Departamento de Práticas Educacionais e Currículo (DPEC/CE/UFRN) como também a própria disciplina Didática.

Discutir produções historiográficas permite pensarmos sobre a história da historiografia do ensino de História como um campo de pesquisa que está se desenvolvendo no PPGH, pensando a própria prática da escrita da história em seus diversos espaços de produção, além de como esta é pensada e concretizada historicamente. Como também, analisar a produção das dissertações e teses, o lugar social, a instituição do saber e a própria disciplina. Portanto, entende-se a relação dessas produções como uma operação, sobre a escrita da história, sobre a qual Michel de Certeau coloca os seguintes pontos a serem levados em consideração:

Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura). É admitir que ela faz parte da "realidade" da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada "enquanto atividade humana", "enquanto prática" (CERTEAU, 1982, p. 66).

A relação dessas produções permite a reflexão sobre a construção do conhecimento histórico dentro da instituição e a relação desse espaço com a prática da escrita historiográfica, pois “a operação histórica se refere à combinação de um lugar social, de práticas científicas e de uma escrita” (CERTEAU, 1982, p. 66). Essa combinação permite que o PPGED e o PPGH obedeçam a regras da instituição do saber (UFRN) por meio das práticas científicas e da metodologia da pesquisa histórica enquanto prática da atividade humana desses autores em seu lugar social. Michel de Certeau ressalta que “a escrita histórica se constrói em função de uma instituição cuja organização parece inverter: com efeito, obedece a regras próprias que exigem ser examinadas por elas mesmas.” (CERTEAU, 2011, p. 66). Os agradecimentos, as fontes, referenciais teóricos, recorte espacial e temporal, tema de pesquisa, a questão do historiador, dentre outros

aspectos da pesquisa, são os meios pelo qual o historiador expõe, no decorrer da produção, a obediência às normas, entendendo a história como uma disciplina que segue regras estabelecidas pelos seus pares ligados à instituição do saber.

Os procedimentos metodológicos utilizados para a pesquisa foram os quadros para mapeamento de dados dessas produções (Quadro 1). Nesse quadro, buscou-se a sistematização das dissertações e teses na qual buscamos identificar as principais aproximações e diferenciações, ou seja, quais são as linhas de pesquisa? Objeto de pesquisa? Quais as fontes? Quais os acervos consultados? Quais os principais pesquisadores do ensino de História citados? Quais os principais conceitos? Dentre outras perguntas levantadas no quadro.

TÍTULO	
AUTOR E ORIENTADOR	
ANO	
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	
LINHA DE PESQUISA	
RESUMO	
OBJETO DE PESQUISA	
FONTES	
PRINCIPAIS CONCEITOS	
PRINCIPAIS PESQUISADORES SOBRE ENSINO DE HISTÓRIA CITADOS	
ACERVOS CONSULTADOS	
MARCO TEMPORAL DA PESQUISA	

Quadro I: Quadro para mapeamento de dados das teses e dissertações sobre Ensino de História na UFRN. Elaborado pelos autores.

No levantamento, foram selecionados 16 trabalhos entre os anos de 2004 e 2017. A seguir, discorreremos sobre o processo de consolidação do campo do ensino de História no Brasil, mostrando os conflitos tanto de sua consolidação como da construção da identidade da disciplina. Depois, iremos tratar da história dessa consolidação do campo nos Programas de Pós-Graduação nas diversas Universidades do Brasil, seus laboratórios, linhas de pesquisa, grupos de pesquisa e seus principais associados. Ao final, buscamos relacionar as principais características destes trabalhos, principalmente os objetos de pesquisa das fontes do PPGH e do PPGED analisadas, mostrando a pluralidade do campo do ensino de História.

1. Os conflitos para a consolidação do campo do Ensino de História no Brasil

A academia também tem seus temas e objetos de estudo considerados nobres. Um tema, cujo principal profissional é tão desvalorizado socialmente, não poderia ocupar espaços privilegiados nos projetos de pesquisa (OLIVEIRA, 2003, p. 41).

Entender a educação como uma dívida que o Estado Brasileiro tem com a sociedade é um dos primeiros passos para compreendermos a necessidade de olharmos cada vez mais para o Ensino de História e pensar a legitimidade da disciplina História no currículo escolar. Porém, em tempos de dismantelo do Ensino Médio, a Reforma do Governo Federal excluiu a disciplina História da Base Nacional Comum Curricular a partir da sua terceira versão, por isso é necessário chamar a atenção para que não só os pesquisadores do Ensino de História tenha uma atenção especial para o que vem acontecendo nos últimos anos, mas também dos futuros e de todos os profissionais de História que vivem da pesquisa e produção historiográfica e/ou da própria prática docente, mais do que nunca é importante aumentar a visibilidade dessas produções historiográficas nas Pós-Graduações e principalmente mostrar para a sociedade o porquê de nós (historiadores) sermos imprescindíveis.

É importante que antes de entrarmos na consolidação do campo, precisamos entender a História como um campo permeado de conflitos nos mais diversos recortes temporais e essa realidade não é diferente no que se refere ao ensino de História, antes vista como uma prática pedagógica e curricular. O ensino de História é um campo cujo suas primeiras pesquisas se iniciaram em 1969, o trabalho pioneiro realizado por Miriam Moreira Leite, antes vista como área de formação, passou a ser tratada como objeto de pesquisa. Assim, Dias descreve um pouco da trajetória dessas pesquisas:

O desenvolvimento das pesquisas, concentradas nos programas de pós-graduação em educação, foi o que proporcionou um deslocamento do enfoque das mesmas. Migraram paulatinamente da externalidade para a internalidade da sala de aula. Leis, currículos, livros didáticos continuaram sendo analisados, mas nas suas inter-relações com o que se faz dentro da escola e dentro da sala de aula (DIAS, 2001, p. 98).

As primeiras historiadoras que produziram sobre ensino de História tiveram algumas preocupações como a questão da historicização do ensino de História, suas produções e a história da prática de ensino, que tiveram grande importância para construção de uma História do Ensino de História, pois era necessário refletir sobre a prática e pensar historicamente como eram desenvolvidas e quais foram os percursos da disciplina, para que possamos romper com o ensino de História factual e pautado na chamada “pedagogia da nação” e problematizarmos a história do Brasil a partir de uma pedagogia dos conflitos, um passado marcado por lutas e não um passado pacífico e harmônico construído desde o IHGB, dentro dos compêndios de Joaquim Manoel de Macêdo, Maria Guilhermina, João Ribeiro etc. Quando buscamos na história da disciplina entendermos a prática de ensino, percebemos o quanto pouco mudamos principalmente em razão da tradição colonialista da História que segue (até hoje) o modelo quadripartite francês, nossa história construída a partir da continuação da história de Portugal.

Prova disso, são os materiais utilizados pelos professores de História no século XIX, boa parte traduzidos dos compêndios franceses de Charles Seignobos, segundo Circe Bittencourt e Elza Nadai. Ambas retratam a mesma problemática, mas com focos espaciais diferentes, Elza Nadai se preocupa em explicar o Ensino de História no Brasil a partir de São Paulo e Circe Bittencourt a partir do Rio de Janeiro. Ambas discutindo o modelo do ensino de história tradicional e a busca pela superação desse modelo. Como também a superação da ideia de história pátria ainda muito forte no período ditatorial.

No contexto da Ditadura Civil-Militar, a disciplina História estava apenas no currículo nos 1º e 2º graus assegurado na LDB 5692/71 em detrimento da obrigatoriedade dos Estudos Sociais, Educação Moral e Cívica e OSPB (Organização Social e Política do Brasil). Esse período marcou um retrocesso na história dessa disciplina escolar, as consequências foram bastante negativas para a disciplina história, principalmente pelo fato de que a disciplina só passaria a ter autonomia após o processo de redemocratização. Além de tudo isso, a própria entidade nacional representativa dos profissionais de História ainda rejeitava os profissionais da rede básica de ensino enquanto associados, a partir de 1977 começaram a discutir a inserção desses profissionais enquanto sócios, essa discussão foi debatida nos dois Simpósios Nacionais (1979 e 1981), apesar de terem aceitado a entrada dos profissionais como sócios, a entidade ainda mantém a sigla até hoje, Associação Nacional de História (ANPUH).

Porém, essa resistência ao campo do Ensino de História não afastou os pesquisadores dessa área, mas muitos procuraram publicar seus trabalhos em outros espaços que pudessem dar visibilidade como a Revista Brasileira de História. Para Margarida Dias,

sem dúvida, foram as profundas transformações na sociedade brasileira, ocorridas durante as décadas de 60 e 70 do século XX que impuseram para os novos profissionais que – formados nas décadas anteriores aquelas, mas obrigados a atuarem em realidade substancialmente diferente – refletissem sobre a sua

profissão e sua feição fundamental: a atuação na escola (DIAS, 2001, p. 97-98).

Essas dificuldades somadas às transformações levaram a reflexão sobre o próprio campo do Ensino de História, ou seja, o contexto do desgaste da Ditadura Civil-Militar levou um novo olhar para a profissão. “Foi, portanto, no final da década de 70 e início da de 80 do século XX que o Ensino de História constitui-se como um campo a ser analisado” (DIAS, 2001, p. 98).

A redemocratização marcou uma grande expectativa com relação ao tipo de sociedade e cidadão que queremos formar para o futuro do Brasil. No caso da disciplina, além desse desafio formativo, era necessário romper com as mazelas deixadas pela Ditadura Civil-Militar na educação brasileira, a ANPUH lutou pela ruptura com os Estudos Sociais e com as licenciaturas de curta duração. Era preciso criar uma nova identidade para a disciplina História e, acima de tudo, construir sua autonomia enquanto disciplina escolar. Mas esses passos foram dados aos poucos ainda no período em que a ditadura estava desgastada, nesse período os PPGs e a Revista Brasileira de História eram as grandes vitrines para as produções sobre o campo e é justamente com essas produções que vão denunciar o caráter ideológico dos currículos escolares que por muito tempo impuseram aos profissionais da rede básica suas concepções de educação. Assim denunciou Selva Guimarães:

No decorrer dos anos 1970, o processo de organização dos professores ganhou força no contexto de lutas pela democratização do país e por melhores condições de trabalho. No interior do movimento social organizado, multiplicaram-se as críticas ao ensino de História vigente, desencadeando um debate nacional acerca da História ensinada, dos currículos, dos livros didáticos e das metodologias de ensino (FONSECA, 2010, p. 22).

Nos anos 90, a luta consistia além da autonomia da disciplina História. Na construção do currículo e do campo de pesquisa, a RBH abriu dois dossiês para o Ensino de História, eventos como Seminário Perspectivas do Ensino de História foi apresentado os PCNs (Parâmetros

Curriculares Nacionais) na qual gerou grandes discussões (o que ensinar? Como ensinar? E para quem ensinar?). Assim surge a Revista História Hoje para contemplar a publicação para as produções do campo do Ensino de História.

Ainda que não tenha sido totalmente superada a dicotomia entre ensino e pesquisa, os profissionais de história do ensino básico continuam não sendo vistos pela ANPUH como grandes pesquisadores, a profissão docente é quase vista como um ofício menor perto das “causas nobres” que a historiografia busca responder. Assim, vamos explanar como foram desenvolvidos as bases de pesquisa e o crescimento dessas pesquisas nos PPGs sobre ensino de História.

2. O campo do Ensino de História nos PPGs no Brasil

A partir da década de 1980, começaram a surgir as primeiras pesquisas sobre Ensino de História na pós-graduação em História. As pioneiras foram Circe Bittencourt, Elza Nadai e Selva Guimarães, que fizeram tanto mestrado quanto doutorado em História Social, na Universidade de São Paulo (USP). Suas obras sobre a Ensino de História se tornaram referência para os pesquisadores que se dedicaram a essa temática em seguida, o que ajudou a torná-las cada vez mais conhecidas e citadas em trabalhos acadêmicos. Outras autoras que também pesquisaram sobre o tema nessa mesma época foram Maria Auxiliadora Schmidt e Ernesta Zamboni, porém, suas trajetórias tiveram outras características. Como muitos historiadores que pesquisaram sobre Ensino de História, Schmidt fez seu mestrado em Educação, enquanto Zamboni fez o doutorado em Educação. Essa migração para os programas de pós-graduação em Educação aponta para uma falta de espaço para a pesquisa sobre Ensino de História nos programas de pós-graduação em História desse período inicial, demanda que acabou sendo atendida pelas Faculdades de Educação.

Mais recentemente, surgiram mais pesquisas sobre Ensino de História em programas de pós-graduação espalhados pelo país, porém, ainda muito restritas aos centros de educação. Alguns exemplos são a

pós-graduação em educação na USP, na UFRGS, e na Unicamp com as linhas de pesquisa “Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares”, “Educação, Culturas e Humanidades” e “Educação e História Cultural”, respectivamente. A maioria dessas tem professores com graduação em História e mestrado e doutorado em Educação, formados nessa geração de 1980/1990. Mas também há exemplos de programas de pós-graduação em História com linhas de pesquisa e áreas de concentração voltadas para o campo de Ensino de História. Um exemplo é a UEPG, com a linha “Instituições e sujeitos: saberes e práticas” na pós-graduação em História. Outro exemplo é a UFPE, que através de um convênio com a UFPB, criou a área de concentração “Metodologia do Ensino de História”.

No nosso caso (UFRN), o Programa de Pós-Graduação em Educação e o Programa de Pós-Graduação em História são os principais PPGs que produzem trabalhos sobre Ensino de História. Em nosso levantamento mapeamos seis dissertações e sete teses no PPGED e apenas três dissertações no PPGH, apesar de ser recente o surgimento do programa (2005), as primeiras produções só apareceram em 2014 com a autora Lêda Potier no PPGH.

3. Diferenças e aproximações dos estudos do PPGED e do PPGH

A maioria das produções sobre ensino de História se concentra no PPGED, como a própria historiografia explicou, o ensino de História sempre foi visto como uma área vinculada à pedagogia e não como um campo de reflexão da Teoria da História. Esse campo, ainda que consolidado, sofre com as resistências dos próprios historiadores. As pesquisas historiográficas se articulam com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural. Para Certeau, “ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função deste lugar que se instauram os métodos” (CERTEAU, 1982, p.66-7).

Os trabalhos investigados do PPGED foram as teses: CAVALCANTE, Maria da Paz (Ensinar e aprender história na relação dialética entre interpretação e consciência histórica crítica, 2014); VICTOR, Analice Cordeiro dos Santos (Aí eu era Antônio Brasil: contribuições de situações didáticas com conhecimentos históricos para construção da identidade pessoal da criança na Educação Infantil, 2010); TIMBÓ, Isaíde Bandeira (O livro didático de história: um caleidoscópio de escolhas e usos no cotidiano escolar (Ceará, 2007-2009), 2009); CALAÇA, Suelídia Maria (O processo de ensino-aprendizagem de história no ensino fundamental: seus limites, suas possibilidades, 2008); SOUTO, Paulo Heimar (É como se tivesse a roça e faltasse a enxada: formação em serviço de professores de história no interior sergipano, 2008); FAGUNDES, José Evangelista (A História local e seu lugar na história: histórias ensinadas em Ceará-Mirim, 2006) e por fim, SOUZA, Maria Lindaci Gomes de (Iconografia humorística no ensino de história: modalidades de uso no cotidiano da sala de aula, 2004).

Nas dissertações foram os trabalhos: MEDEIROS, Maria de Fátima Gomes (O ensino de História e o pensamento reflexivo-crítico da professora no 3º ano do ensino fundamental, 2008); LEMOS, Eden Ernesto da Silva (Relações entre Teorias da História e Ensino de História: A compreensão de professores, 2009); CAVALCANTE, Maria da Paz (A História Escolar e a Teoria da Atividade: relações e possibilidades formativas no ensinar e aprender, 2010); RABELO, Wagner de Araújo (Análise do discurso sobre o “bom” professor de História no Brasil Contemporâneo: Uma questão de Cidadania..., 2016); MARQUES, Antônia Batista (Há possibilidade do Ensino da História desenvolver o pensamento teórico?, 2014) e por fim, CHACON, Diego Firmino (Ensinar/Aprender a gostar de História: Saberes Docentes e construção do conhecimento histórico escolar com professores de Arez-RN, 2013).

Ao tratarmos dessas produções, precisamos levar em consideração seus objetos de pesquisa de acordo com cada linha de pesquisa, as

produções do PPGED têm uma maior diversidade em relação ao PPGH, principalmente por apresentarem mais produções sobre o ensino de História. De acordo com o Gráfico I, mostraremos as principais linhas de pesquisa de ambos os programas, boa parte dessas produções vinculadas ao PPGED não informaram as suas linhas de pesquisa, diferentemente das produções do PPGH que predominou a linha de pesquisa Cultura, Poder e Representações Sociais, com as dissertações de Lêda Potier “História para “ver” e entender o passado: cinema e livro didático no espaço escolar (2000-2008)” publicado em 2014, Katiane da Silva “Os usos e funções do ensino de História a partir da disciplina “Cultura do RN” (2007 a 2013)” publicado em 2015 e Jandson Bernardo “Espaço Escolar e Livro Didático de História no Brasil: A Institucionalização de um modelo a partir do Programa Nacional do Livro Didático (1994 a 2014)” publicado em 2017, todos sob orientação de Margarida Dias.

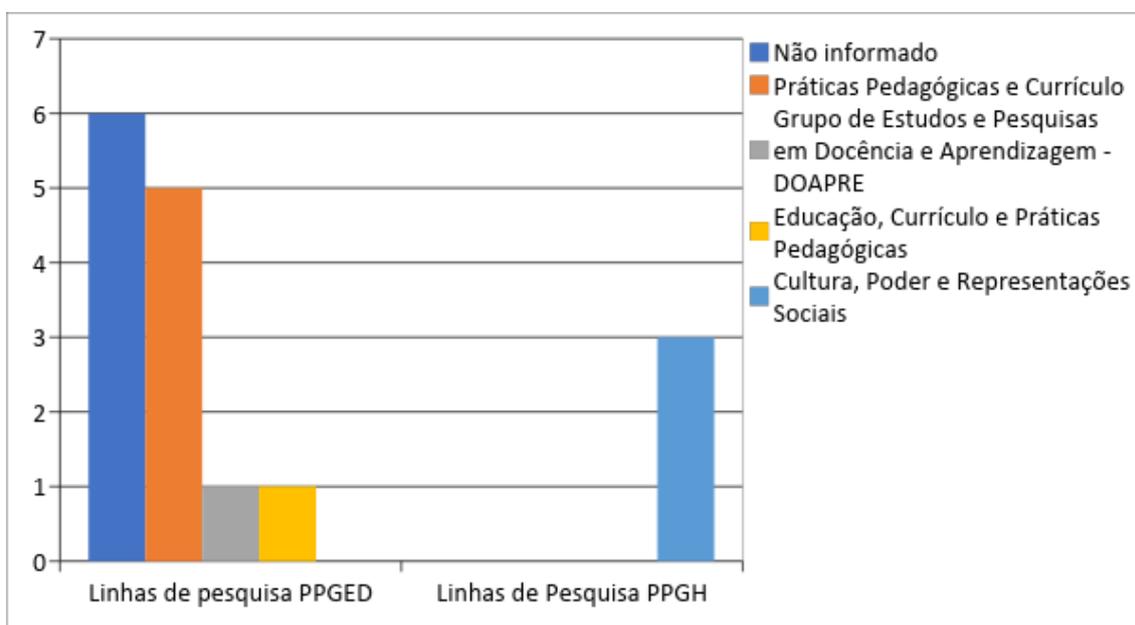


Gráfico I: Teses e Dissertações sobre Ensino de História na UFRN. Elaborado pelos autores. Fonte: Banco de Teses e Dissertações do PPGH, PPCS e PPGE.

Porém, ainda que a maioria não informou, no PPGED há uma diversidade de linhas de pesquisa em relação ao PPGH. No que se refere às fontes utilizadas, a maioria das pesquisas tanto do PPGED como do PPGH utilizam fontes em comum, como as leis educacionais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (em quaisquer temporalidades), todos os trabalhos de ambos os programas citam a LDB, como algumas fontes são citadas em todos os trabalhos do PPGH e pouco citadas no PPGED como o caso das fontes do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Nos gráficos II e III separamos as fontes mais utilizadas por ambos os programas.

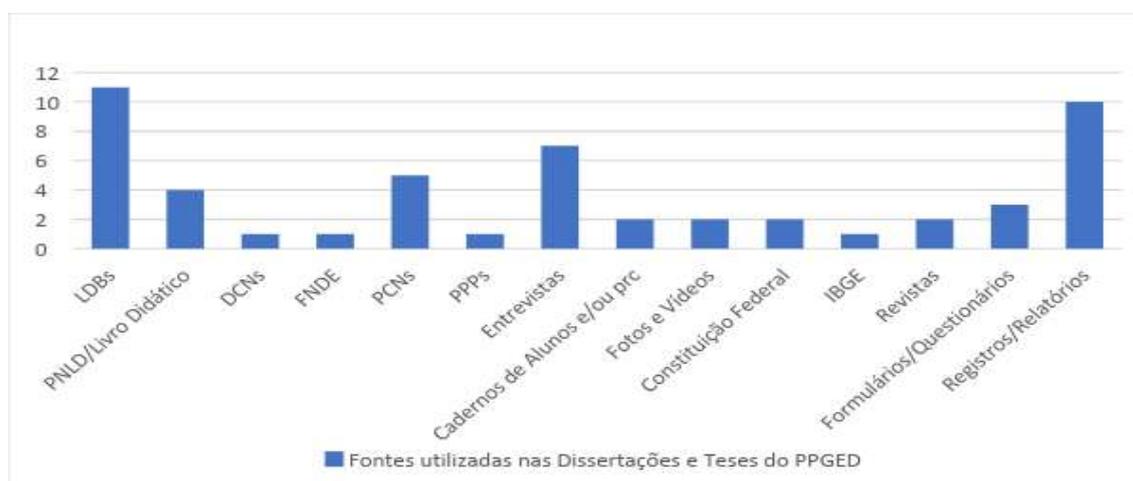


Gráfico II: Teses e Dissertações sobre Ensino de História na UFRN. Elaborado pelos autores. Fonte: Banco de Teses e Dissertações do PPGH, PPCS e PPGE

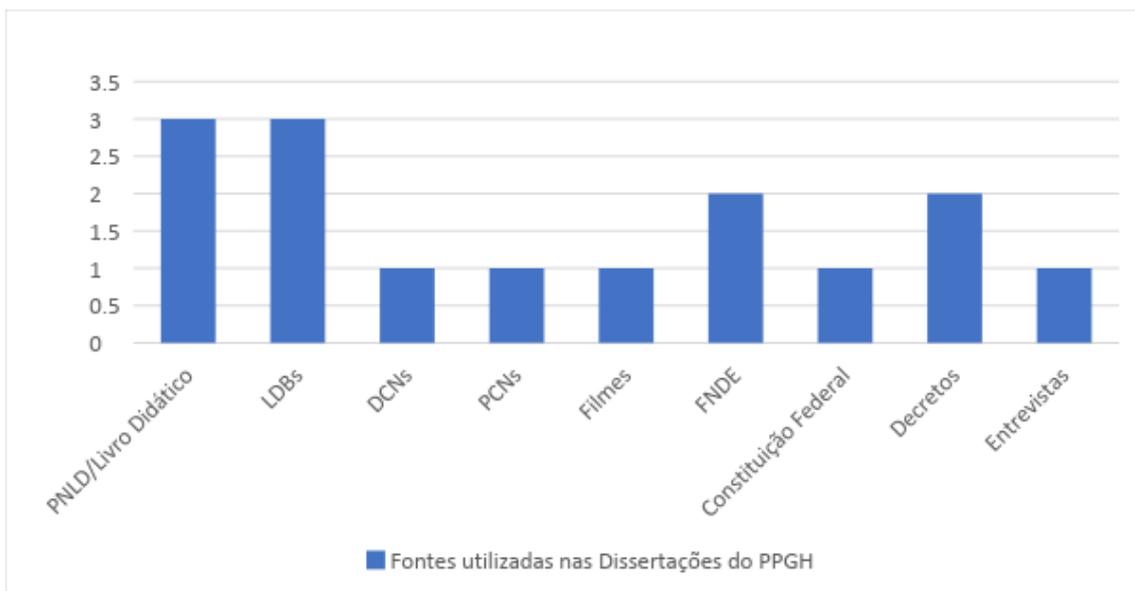


Gráfico III: Teses e Dissertações sobre Ensino de História na UFRN. Elaborado pelos autores. Fonte: Banco de Teses e Dissertações do PPGH, PPCS e PPGE

Nos trabalhos do Programa de História, somente um autor(a) usa os Parâmetros Curriculares Nacionais e entrevistas, mas todos usam o PNLD e a LDB como fonte. Já no Programa de Educação, além da LDB, cinco trabalhos usam o PCN e as entrevistas (7) e registros/relatórios (11) são bastante utilizados para subsidiar os trabalhos, o acervo mostra também que há uma diversidade na busca desses pesquisadores da área de educação, enquanto no programa de História a fonte mais utilizada é o acervo do PNLD, como mostra o gráfico IV.

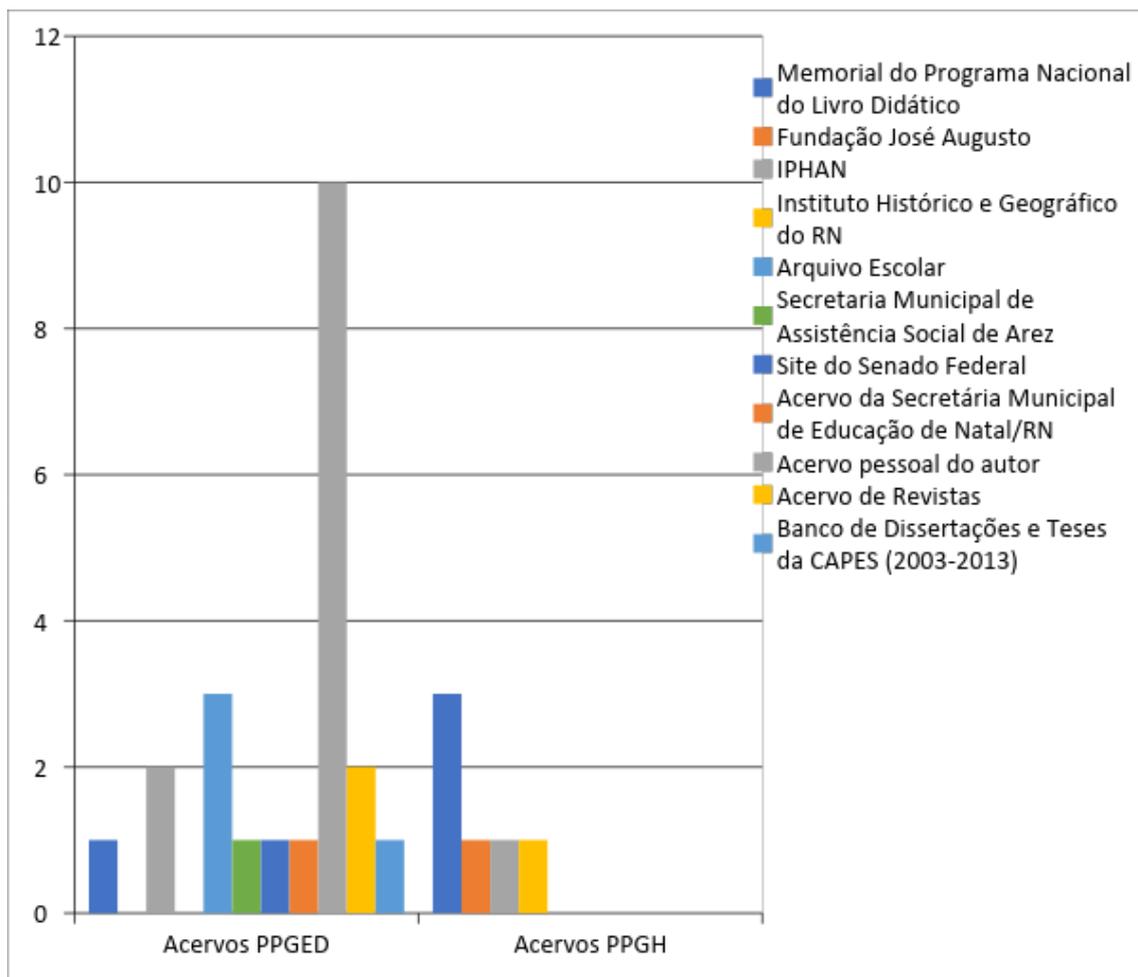


Gráfico IV: Teses e Dissertações sobre Ensino de História na UFRN. Elaborado pelos autores. Fonte: Banco de Teses e Dissertações do PPGH, PPCS e PPGE

O uso do acervo pessoal e do arquivo escolar mostra um direcionamento das pesquisas do PPGED principalmente com relação ao objetivo das pesquisas e o seu recorte espacial. Os objetos de pesquisa revelam uma diversidade do campo do ensino de História no que se refere ao uso dos referenciais, acervos, autores etc. A maioria dos trabalhos do PPGED utilizam de relatos de experiência para fazer um texto de investigação na prática docente assim direcionando referenciais teóricos e metodológicos distintos do PPGH. No gráfico seguinte, tanto a linha de pesquisa, as fontes, os acervos e os objetos de pesquisa influenciam na seleção de referenciais bibliográficos, portanto há aproximações e diferenciações na utilização dos trabalhos de autores do ensino de História. Como mostra os gráficos V e VI:

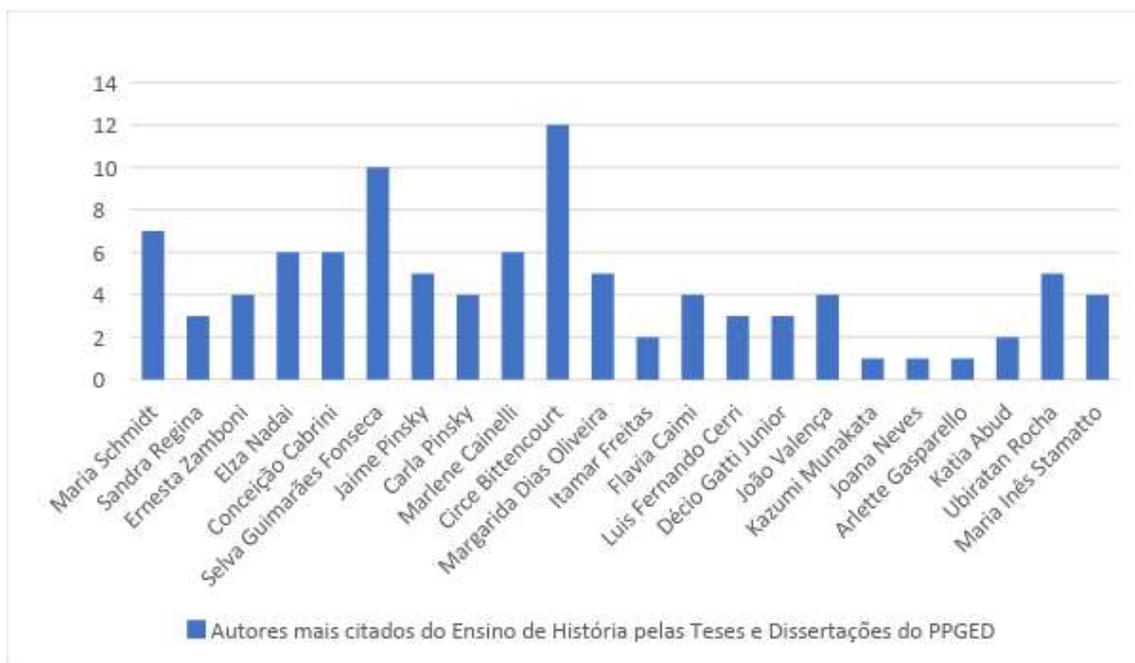


Gráfico V: Teses e Dissertações sobre Ensino de História na UFRN. Elaborado pelos autores. Fonte: Banco de Teses e Dissertações do PPGH, PPCS e PPGE

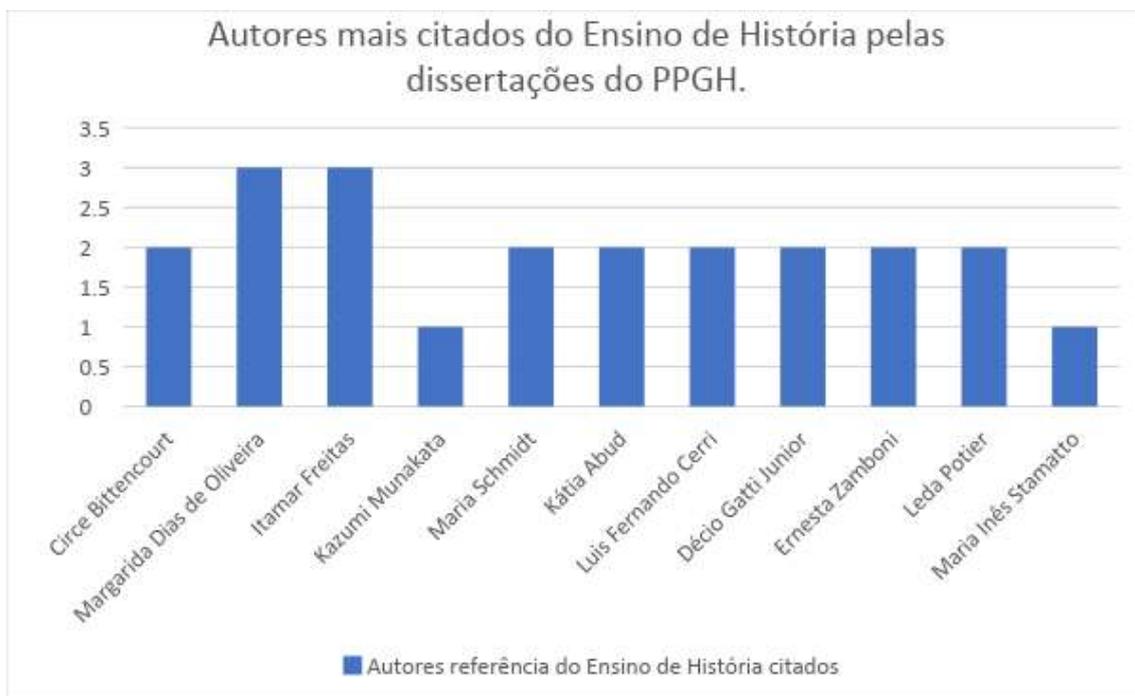


Gráfico VI: Teses e Dissertações sobre Ensino de História na UFRN. Elaborado pelos autores. Fonte: Banco de Teses e Dissertações do PPGH, PPCS e PPGE

As produções revelam o viés bibliográfico que direcionou os trabalhos, principalmente pelo fato de que as autoras mais influentes

mais citadas são Circe Bittencourt (12) e Selva Guimarães Fonseca (10) pelas pesquisas do PPGED, já no PPGH ainda que Circe seja utilizada em dois trabalhos, Fonseca não aparece em nenhum dos trabalhos, mas em ambos os programas apresentam autores em comum como: Margarida Dias (3) e Itamar Freitas (3) que são predominantes nas referências das dissertações do PPGH, como também aparece Kazumi Munakata, Katia Abud, Luis Fernando Cerri, Ernesta Zamboni, Flavia Caimi, Maria Schmidt, Décio Gatti Júnior e Maria Inês Stamatto que inclusive é do PPGED. Lêda Potier ainda que referência para as duas produções seguintes (Katiane e Jandson), ela não foi citada nas produções do PPGED. Porém, uma gama de autores do ensino de História citados nas teses e dissertações do PPGED, não são citados nas pesquisas do PPGH.

Assim, a historiografia do ensino de História ainda que tímida no PPGH e diversa no PPGED mostra-se uma grande conquista para o campo, principalmente pela sua diversidade de objetos de pesquisa, e tem crescido bastante entre os pares, apesar de ainda sofrer resistência, mas é uma área que está ganhando força principalmente com as bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) que está revelando grandes trabalhos com grandes futuros pesquisadores como também a criação do mestrado profissional (PROFHISTÓRIA) que representa uma vitória para o campo.

Conclusão

As produções sobre ensino de História no PPGED e no PPGH se relacionam e se assemelham principalmente ao que se refere aos propósitos que conduzem as pesquisas: aproximar ensino e pesquisa, buscando nos métodos da pesquisa científica instrumentos para aumentar a qualidade da História ensinada nas salas de aula do ensino básico. Para isso, tanto os trabalhos do PPGED quanto os do PPGH analisam diversas ferramentas que possam inovar o ensino, como uso de diferentes maneiras do livro didático, o uso do cinema e iconografia humorística, por exemplo. Além disso, ambos utilizam algumas fontes

em comum, como a legislação oficial sobre educação e entrevistas, e a bibliografia especializada sobre Ensino de História consultada em ambos os programas têm diversos autores em comum, especialmente algumas autoras pioneiras no campo em questão (Ex.: Circe Bittencourt e Maria Auxiliadora Schmidt).

O principal distanciamento entre os dois PPGs está nos enfoques dados às produções. Enquanto no PPGED a maioria dos trabalhos está voltada para os processos de ensino-aprendizagem e metodologias utilizadas em sala de aula, os do PPGH também visam esta questão, mas focam mais em historicizar esses processos. Uma demonstração disso são as diferenças nas fontes e acervos utilizados nas pesquisas. As do PPGED utilizam muito as anotações de professores, de observação de classe, resultados de questionários, projeto político-pedagógico das escolas, tendo proporcionalmente menos uso de documentos e legislação do que os trabalhos do PPGH. Assim, o acervo pessoal é o mais utilizado nas produções de educação, enquanto nas de história são priorizados outros acervos, como o Memorial do Programa Nacional do Livro Didático.

Essa diversidade de enfoques e de objetos das pesquisas de ambos PPGs mostra que há muitos caminhos para que o campo de Ensino de História cresça ainda mais. Entre as diversas possibilidades, um exemplo é a de pesquisar tendo como objeto o material didático de História, possibilitado pela grande quantidade de fontes disponibilizadas pelo Memorial do PNL. Além disso, o crescimento das pesquisas nesse campo aumenta as bases bibliográficas para futuras produções, que possam corrigir lacunas novas e antigas do ensino básico brasileiro e da História como disciplina escolar. Programas acadêmicos como o PIBID, que estimula futuros professores a pensar novos métodos didáticos e ter contato com o ensino básico ainda na graduação, e o PROFHISTÓRIA, o Mestrado Profissional em Ensino de História, que proporciona formação continuada ao professor da

educação básica e o acesso dele à pesquisa científica, demonstram que o campo de Ensino de História só tende a crescer e se fortalecer.

Fontes:

Repositório UFRN. Dissertações do Programa de Pós-Graduação em História. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/12032/> . Acesso em: 2018

Repositório da UFRN. Teses do Programa de Pós-Graduação em Educação. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/12002/> . Acesso em: 2018

Repositório da UFRN. Dissertações do Programa de Pós-Graduação em Educação. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/12001/> . Acesso em: 2018

Referências:

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de história: fundamentos e métodos / Circe Maria Fernandes Bittencourt – 2 ed. – São Paulo: Cortez, 2008.

CERTEAU, Michel de. *Operação Historiográfica*. In: **___A Escrita da história**/Michel de Certeau; tradução de Maria de Lourdes Menezes ;*revisão técnica [de] Arno Vogel. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

Dias Margarida Maria. O ensino de História como campo de pesquisa. Saeculum. Nº 6/7. João Pessoa, 2001, p. 97-104. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/11267/6382> .

FONSECA, Selva Guimarães. Dos Estudos Sociais à História. In: **___Fazer e Ensinar História nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. Campinas, Editora Papirus, 2010. p. 15-47.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. *O ensino de história como objeto de pesquisa no Brasil*. In: **___ O Direito ao passado**. Uma discussão necessária à formação do profissional de História / Margarida Maria Dias de Oliveira. Aracaju: Editora UFS, 2011. 302p.

NADAI, Elza. **O ensino de história no Brasil**: trajetória e perspectiva. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.13, nº 25/26. Pp. 143-162.

Set. 92/ago. 93. Disponível em:
http://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=30596.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. **História do ensino de história no Brasil:** Uma proposta de periodização. Revista História da Educação. V. 16, nº 34. Porto Alegre, 2012, p. 73-91. Disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/24245> .